

ESTUDOS SOBRE OS MODOS DE REFERENCIALIDADE DAS CAPAS DOS LIVRETOS DE LITERATURA DE CORDEL¹

Débora Simões Araújo
Claudio Manoel de Carvalho Correia

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise semiótica do design de capas na literatura nordestina de cordel, a partir da materialidade física que as diferencia dos livros comuns – por seu tamanho, papel e técnicas de xilogravura, possibilitando análises por meio das teorias da semiótica peirceana.

O processo de análise das obras ocorreu a partir da coleta do corpus. Este, por sua vez, estará dividido em quatro categorias: Biográficas, Peleja/Desafio, Histórias Comuns ou Fantásticas e Cangaço. Como substrato teórico-metodológico, estão sendo usadas as teorias de

¹ Projeto de Iniciação Científica – PIBIC – realizado dentro do Projeto de Pesquisa “Semiótica e Literatura de Cordel: Estudos sobre as formas de significação, modos de representação e níveis de interpretação que emergem dos folhetos e das narrativas de Cordel em Sergipe”, desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe – UFS.

significação, representação e interpretação desenvolvidas por Santaella (1983, 2002), as concepções da Semiótica Aplicada ao Design apresentadas por Niemeyer (2010) e as teorias e conceitos sobre os folhetos de cordel de Roiphe (2012).

As capas são signos de profunda importância visual e, como tais, representam as histórias narradas nos folhetos. Roiphe (2012, p. 24) afirma que

[...] É preciso salientar que a xilogravura não se limita ao embelezamento ou ilustração da capa. Ao contrário, assim como o desenho e a fotografia, ela é uma forma de produção do texto visual que determina sua relação com o texto verbal. Se fosse assim, o folheto seria pensado somente do ponto de vista de sua circulação, sem levar em conta sua recepção.

Levando em conta essa afirmação, faz-se necessária a observação das estratégias semióticas no design utilizado para as representações das capas dos folhetos de literatura de cordel.

INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA - A CIÊNCIA GERAL DOS SIGNOS

O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que significa 'signo'. Signos nada mais são que representações e são o objeto de estudo da semiótica como ciência. A semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem, definição estabelecida por Santaella (1983, p.10) em seu livro 'O que é Semiótica?'. Vale ressaltar que todas as linguagens, por sua vez, são constituídas por e em signos, motivo pelo qual são objetos de estudo desta ciência.

A Semiótica não é uma ciência com limitações. Isto quer dizer que ela está em constante crescimento, uma vez que as linguagens não param de surgir e de se transformar. O campo de atuação dessa ciência é muito amplo, já que estamos circundados por linguagens. Em qualquer área do conhecimento há signos, e é a Semiótica, como ciência, que tem como objetivo estudá-los.

Segundo Niemeyer (2010, p. 35), 'o signo é uma ocorrência fenomênica de qualquer natureza, que de algum modo se conecta com uma experiência anterior'. Essa afirmação nos traz um novo conceito: a ocorrência do fenômeno, do Phaneron. Santaella (1983, p. 32) nos explica que

entendendo-se por fenômeno qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, a qualquer coisa que apareça seja ela externa (uma batida na porta, um raio de luz, um cheiro de jasmim), seja ela interna ou visceral (uma dor no estômago, uma lembrança ou reminiscência, uma expectativa ou desejo), que pertença a um sonho, ou uma ideia geral ou abstrata da ciência.

A fenomenologia peirceana começa, pois, como observa Santaella (1983, p.32-33), sem qualquer julgamento de espécie alguma: a partir da experiência ela mesma, livre dos pressupostos que, de antemão, dividiram os fenômenos em falsos ou verdadeiros, reais ou ilusórios, certos ou errados. Ao contrário, fenômeno é tudo aquilo que aparece à mente, correspondendo a algo real ou não.

É preciso salientar que um signo vai atingir uma mente interpretadora e será apreendido a partir da experiência e conhecimento de mundo do intérprete e, também, a partir das convenções interiorizadas por este, estabelecidas em sua vida social e cultural. Este processo ocorre com as capas dos folhetos de cordel, como signos, sendo representações em um sistema concreto de linguagem e com características que lhes são próprias.

A partir do entendimento de que as capas dos folhetos na literatura de cordel são signos passíveis de serem analisados semioticamente, por serem representações, recortes sígnicos das narrativas impressas, passemos agora a estudar o que é a literatura de folheto de cordel.

AS CAPAS DOS FOLHETOS DE CORDEL

As capas dos folhetos de cordel não são simples adornos: elas compõem a narrativa e a representa. É uma forma de linguagem composta por signos visuais e esta natureza essencialmente visual nos permite uma análise potencialmente semiótica. Os elementos visuais e linguísticos presentes na capa funcionam como recortes da narrativa presente no livreto. Sobre as capas dos livretos de cordel, Roiphe (2012, p.44) chama a atenção para o fato de que

no que se refere à linguagem visual, é preciso notar, em primeiro lugar, que as três formas prioritárias presentes em suas capas, como já se pode observar, são o desenho, a xilogravura e a fotografia ou a fotomontagem, cada uma delas guardando suas particularidades e caracterizando à sua maneira o desafio.

Não há dúvidas de que as capas dos folhetos de cordel são signos e, como signos que

compõem uma linguagem, elas podem ser analisadas pela perspectiva das Teorias da Significação, da Representação e da Interpretação desenvolvidas por Santaella (2002).

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE XILOGRAVURA NAS CAPAS DOS FOLHETOS DE CORDEL

A xilogravura é uma técnica usada na confecção das capas dos folhetos de cordel. Essa técnica chegou ao Brasil com a vinda da corte portuguesa, como nos mostra Borges (2008, p.14)

No Brasil, com a chegada da corte ao Rio de Janeiro em 1808, foram criadas algumas instituições que, direta ou indiretamente, contribuíram para a consolidação do lugar da xilogravura em nosso meio. Entre estas destacam-se a Imprensa Régia, o Arquivo Militar, a Fábrica de Cartas de Jogar e Estamparia de Chitas.

Essa técnica já era conhecida desde os jesuítas, que a utilizavam para imprimir orações no processo de catequização dos índios. Na capa do cordel, a gravura concebida pela xilogravura é feita a partir do título. Borges (2008, p. 31) nos diz que ‘o desenho é concebido a partir do título,

sempre colocado na base da composição em uma área denominada 'barra' que, além de conter o nome do autor, é utilizada como base da cena representada'. Por isso, entendemos que o título representa a história e, conseqüentemente, os desenhos e imagens presentes na capa também, já que a gravura na xilogravura é feita através do título.

Acredita-se que a xilogravura acompanha os folhetos de cordel desde sua origem; porém, com a globalização e com as novas tecnologias digitais, mais especificamente com a popularização das fotografias, a xilogravura vem sofrendo uma redução de espaço nas capas dos folhetos de cordel.

Com base no conhecimento sobre a confecção das capas dos cordéis, partimos para a metodologia usada na produção deste trabalho. A metodologia que usamos aqui se baseou na coleta de capas² de folhetos de cordel,

² Grande parte do material utilizado para análise foi coletado na **Casa do Cordel – Espaço Cultural Pedro Amaro do Nascimento** – um ponto de encontro de poetas, na cidade de Aracaju, Sergipe, com a finalidade de difundir a Literatura de Cordel. Fundada em 2013, o Espaço é uma parte da residência do poeta cordelista e repentista Pedro Amaro, 81 de idade, que escreve versos há 60 anos. Pedro é nascido na cidade de Paudalho-PE, e reside em Aracaju já mais de 40 anos. Cidadão aracajuano (2008), o cordelista divide as atividades da Casa do Cordel com a esposa Ana Santana e a filha Izabel Nascimento,

pertencentes às categorias Biográficas, Peleja/Desafio, Histórias Comuns ou Fantásticas e Cangaço. A partir da coleta do corpus, iniciou-se todo o processo de análise à luz das teorias da significação, representação e interpretação de Santaella (2002).

ANÁLISES SEMIÓTICAS DAS CAPAS DOS FOLHETOS DE CORDEL

Quando se analisa um signo semioticamente, devemos primeiramente observar o seu fundamento, caracterizado como as propriedades físicas do signo. Estas se subdividem semioticamente em qualidade, existência e lei. O fundamento é o primeiro nível dos signos e pode ter três tipos de relação com o objeto. De acordo com essas propriedades, essas relações são icônicas, indiciais e simbólicas. É a partir desse nível de relação, entre o fundamento que habilita o signo a funcionar semioticamente e o objeto representado, que

também cordelistas. A **Casa do Cordel** promove trimestralmente eventos gratuitos, abertos à comunidade e sempre voltados para a divulgação do Cordel. Folhetos de Pedro Amaro, Ana Santana e Izabel Nascimento são vendidos no local. O Espaço Cultural fica no Bairro Luzia, em Aracaju, na Rua João Sacramento, 450. O telefone para contato é (79) 9 8852 9236. A **Casa do Cordel** tem uma página no Facebook onde divulga as fotos e vídeos dos seus eventos.

emergem as classificações em índices, ícones e símbolos, dependendo, sempre, da relação do fundamento com o objeto. É através da teoria da classificação do signo (ícone, índice e símbolo), que podemos dizer se um objeto é predominantemente icônico e/ou indicial e/ou simbólico.

A partir disso, iremos apresentar as análises sobre as quatro categorias de folhetos de cordel, objeto de estudo deste trabalho. A primeira capa a ser analisada, no gênero biográfico, é a capa do folheto intitulado João Firmino Cabral Um Poeta de Valor, de autoria da cordelista sergipana Salete Nascimento.

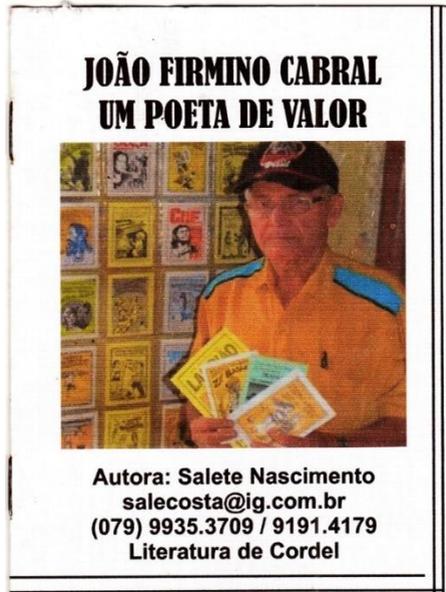


Figura 1 - Folheto de Cordel Biográfico

Na análise das formas de significação, especificamente na análise das qualidades observadas na capa do folheto de cordel, podemos encontrar as cores amarelo, azul, branco, laranja, preto, vermelho e verde. Na análise da existência, esta capa, como fundamento, apresenta as dimensões de 13,9 cm de comprimento e 10,2 cm de largura. Porém, na análise da lei, vale ressaltar que esta capa, como fundamento do signo, está habilitada a funcionar semioticamente segundo as leis das capas específicas para os folhetos de cordel.

O objeto dinâmico que está sendo representando na capa, entendida como signo, é a biografia do poeta João Firmino Cabral. Ao analisarmos os modos de representação desse signo, no modo icônico encontramos uma exposição de folhetos de cordel localizada ao fundo, atrás da fotografia do poeta, sugerindo que se trata de um escritor cordelista. Os folhetos de cordel presentes nas mãos do escritor sugerem que foram escritos por ele.

Sua expressão facial sugere seriedade, indicando, dessa forma, a ideia de um poeta sério e comprometido com as suas produções artísticas. Ao analisar o modo indicial, encontramos a fotografia do cordelista João Firmino Cabral na capa do folheto, indicando o personagem central da biografia. Já na análise do modo simbólico, a cor branca na capa do folheto reafirma que se trata de obra pertencente à categoria da literatura de cordel, uma vez que era e ainda é muito comum a esse tipo de literatura imprimir suas capas nas cores amarelo, azul, branco, rosa e verde.

O título demonstra que a obra é de cunho biográfico, uma vez que nesses folhetos de cordel é comum colocar o nome do personagem e algumas palavras específicas como vida, morte ou mesmo frases que façam referência ao personagem. No caso da capa sob análise, podemos encontrar a frase 'um poeta de valor'.

As informações sobre a autoria do folheto, contidas na parte inferior da capa, reafirmam que se trata de uma capa de folheto de cordel, pois neste tipo de literatura é usada a técnica da xilogravura, na qual, desde muito tempo, se convencionou colocar as informações de autoria na parte inferior. Essas informações na parte inferior são leis de convenção que fazem parte da literatura de cordel.

Na análise do potencial de geração de interpretações, podemos concluir que a capa do folheto de cordel “João Firmino Cabral Um Poeta de Valor” apresenta o potencial singular-indicativo e representativo-simbólico de geração de interpretações.

A segunda capa que foi analisada pertence ao gênero “Peleja ou Desafio” e é intitulada O Duelo de Zé Patacão e Nicolau da Corriola.



Figura 2 – Folheto de Cordel de Peleja ou Desafio

Na análise das Formas de Significação, especificamente na análise das qualidades, a capa apresenta como qualidades as cores azul, branco e preto. No nível da análise da existência, este fundamento apresenta as dimensões de 13,6 cm de comprimento e 9,9 cm de largura. No entanto, na análise da Lei, vale ressaltar, que esta capa, como fundamento do signo, está habilitada a funcionar semioticamente segundo

as leis das capas específicas para os folhetos de cordel.

O objeto dinâmico que está sendo representado na capa, entendida como signo, é a história de O Duelo de Zé Patacão e Nicolau da Corriola, que pertence ao gênero Peleja ou Desafio, conforme apresentado anteriormente.

Ao analisarmos os modos de representação deste signo, no modo icônico percebemos que o desenho ao lado esquerdo da capa do cordel sugere que o homem é Zé Patacão, pois a forma como ele está vestido sugere que possui melhores condições do que o outro homem ao seu lado direito, como nos narra a história. Já o desenho do lado direito da capa do cordel sugere que o homem é Nicolau da Corriola, pois está vestido de outra maneira, sem sapatos e com calças remendadas. O fato de ambos os personagens segurarem violas nos sugere que o confronto, a peleja, irá acontecer através do canto. A ordem de organização das figuras na capa sugere que o primeiro homem no desafio será Zé Patacão e que o segundo será Nicolau da Corriola. Ao analisarmos o modo indicial, encontramos o desenho presente na capa, indicando os personagens Zé Patacão e Nicolau da Corriola.

Já na análise do modo simbólico, o termo Corriola representa, na língua portuguesa, um grupo de pessoas desonestas. Neste caso,

Nicolau da Corriola teria esse nome por pertencer a esse grupo. A cor branca na capa do folheto de cordel reafirma se tratar de uma obra do gênero literatura de cordel, já que ainda é muito comum nesse tipo de literatura imprimir suas capas nas cores amarela, azul, branca, rosa e verde, sendo a branca a mais utilizada. O título descreve que o folheto de cordel é de Peleja/Desafio, uma vez que nesses folhetos é comum colocar no título palavras como peleja, duelo, briga, conflito etc. O título fala de dois personagens que se enfrentam em um duelo, sendo assim pertencentes ao gênero Peleja, gênero no qual ocorre a história do embate entre os dois personagens.

As informações sobre a autoria do folheto, contidas na parte inferior da capa, são apenas uma convenção estabelecida nas capas do cordel, pois neste tipo de literatura é usada a técnica da xilogravura, na qual se convencionou colocar as informações de autoria na parte inferior da capa, como foi observado na primeira capa analisada, do gênero biográfico.

Na análise do potencial de geração de interpretações, podemos concluir que a capa do folheto de cordel 'O Duelo de Zé Patacão e Nicolau da Corriola' apresenta potencial sugestivo e singular-indicativo de geração de interpretações.

A terceira capa usada como exemplo para a análise será “Severiano o Jovem que Fez Sexo com uma Cobra”. Esta capa de folheto de cordel pertence ao gênero histórias comuns ou fantásticas.



Figura 3 – Capa de Folheto de Cordel – Severiano o Jovem Que Fez Sexo Com Uma Cobra

Na análise das formas de significação, especificamente na análise das qualidades que podem ser observadas na capa do folheto de cordel, podemos encontrar as cores preto e rosa. Na análise da existência, esta capa, como fundamento, apresenta as dimensões de 14,7 cm de comprimento e 10,6 cm de largura. Entretanto, na análise da lei, vale ressaltar que esta capa, como fundamento do signo, está habilitada a funcionar semioticamente segundo as leis das capas dos folhetos de cordel, pois segue padrões específicos que, claramente, nos permite classificá-la como um folheto de cordel e observar suas diferenças quando comparada com outras capas de livros. O objeto dinâmico que está sendo representado pela capa é a história do jovem Severiano, ou seja, o que fez sexo com uma cobra.

Ao analisarmos os modos de representação deste signo, no modo icônico encontramos a expressão facial de Severiano sugerindo felicidade. O olho da cobra com um delineador, um tipo específico de maquiagem, sugere feminilidade e sensualidade. Ao analisar o modo indicial, encontramos o desenho de um homem e uma cobra, indicando os personagens Severiano e a cobra. Já na análise do modo simbólico, a cor rosa na capa do folheto de cordel reafirma que o livreto se trata de uma obra pertencente à literatura de cordel, já que era e ainda é muito

comum nesse tipo de literatura imprimir suas capas nas cores amarelo, azul, branco, rosa e verde, como já foi observado nas análises anteriores. O título nos mostra que o folheto de cordel pertence ao gênero História Fantástica, já que esses folhetos trazem histórias que não são comuns e com personagens nada comuns também, como animais que falam etc. Neste caso, o título nos descreve uma relação bastante estranha entre um ser humano e um animal que normalmente nos causa medo, pois a cobra é popularmente considerada como um animal perigoso e, em algumas mitologias, é considerada um símbolo do “mal”. Portanto, trata-se de um folheto que pertence ao gênero Histórias Fantásticas.

As informações sobre a autoria do folheto, contidas na parte inferior da capa, são convenções das capas de folhetos de cordel. Esse tipo de literatura, como já foi explicado, usa a técnica da xilogravura, técnica na qual se convencionou colocar as informações de autoria na parte inferior da capa. Na análise do potencial de geração de interpretações, podemos concluir que a capa do folheto de cordel “Severiano o jovem que fez sexo com uma cobra” apresenta o potencial sugestivo e singular-indicativo de geração de interpretações.

A quarta capa a ser analisada pertence ao gênero Cangaço, outro gênero bastante

tradicional entre as histórias narradas na literatura de cordel, principalmente devido a sua origem nordestina. O último folheto analisado é intitulado “A Chegada de Lampião no Céu”.



Figura 4 – Capa de Folheto de Cordel – A Chegada de Lampeão no Céu

Na capa deste folheto de cordel podemos observar, nas formas de significação, as cores

azul e preto. Em nível da existência, esta capa, como fundamento, apresenta as dimensões de 16,8 cm de comprimento e 10,5 cm de largura. Porém, na análise da Lei, vale ressaltar que esta capa, como fundamento do signo, está habilitada a funcionar semioticamente segundo as leis específicas para os folhetos de cordel, pois segue os mesmos padrões das capas analisadas anteriormente. O objeto do signo, ou seja, aquilo que está sendo representado pela capa, é a história da chegada de Lampião ao céu.

Ao analisarmos os modos de representação deste signo, no modo icônico observamos o homem desenhado do lado esquerdo da capa do folheto de cordel sugerindo ser São Pedro, pela forma como está vestido, principalmente pelo uso da chave na cintura. Já o homem desenhado do lado direito da capa sugere ser Lampião. A arma desenhada nas mãos de Lampião sugere sua autoridade e a vontade, por sua parte, de entrar no céu. O arco com uns traços sugere nuvens e uma entrada para o céu, local onde São Pedro está posicionado. Os anjos desenhados na parte superior ajudam a sugerir que o local desenhado seja o céu. Ao analisarmos o modo indicial, encontramos o desenho de dois homens em um local, indicando que Lampião chega ao Céu e é “recebido” por São Pedro.

Já na análise do modo simbólico, a cor azul na capa reafirma que o livreto se trata de uma

obra da literatura de cordel, como já observado em outras análises de capas presentes neste texto. O próprio título descreve que o folheto de cordel pertence ao gênero Cangaço, tendo em vista que Lampião é considerado o rei do cangaço e, também, personagem principal na história do cangaço na região nordeste do Brasil. As informações sobre a autoria do folheto contidas na parte inferior da capa são convenções das capas de folhetos de cordel. Esse tipo de literatura, como já foi explicado anteriormente na análise de outras capas, usa a técnica da xilogravura e as informações de autoria na parte inferior da capa.

Na análise do potencial de geração de interpretações, podemos concluir que a capa do folheto de cordel “A Chegada de Lampião no Céu” apresenta o potencial sugestivo e singular e singular-indicativo de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Semiótica, além de fornecerem conhecimentos teórico-metodológicos sobre a ciência geral dos signos e sobre as formas como ela pode ser aplicada na análise das linguagens, possibilitou, também, um olhar diferenciado para os signos em uso na vida real. O aprendizado da Semiótica proporciona uma nova sensibilidade ao olhar, uma nova forma de enxergar os objetos da cultura, desenvolvendo um potencial crítico de

interpretação no estudo dos signos e das linguagens que corporificam esses signos em diversos e diferentes meios que carregam as marcas da cultura e da sociedade.

Nesta pesquisa, o processo de análise dos folhetos de cordel foi da máxima importância, pois a aplicação das teorias da significação, representação (objetivação) e interpretação de Santaella (2002) permitiram a observação das singularidades e especificidades do Cordel pelo ponto de vista de suas características visuais, dos signos não-verbais produzidos por técnicas específicas que determinam as singularidades deste gênero de literatura tradicional do Nordeste do Brasil.

Além dos conhecimentos obtidos através das análises, a pesquisa possibilitou o contato direto e íntimo com a literatura de cordel, gênero tão comum na cidade nordestina de Aracaju, capital de Sergipe, local onde foi realizada a coleta dos dados e a pesquisa. A aplicação dos princípios da semiótica peirceana possibilitou uma análise dos signos para além dos signos linguísticos, ponto de partida e escolha principal das análises literárias, permitindo uma verdadeira imersão na riqueza de seu universo visual, carregando as marcas da cultura nordestina, principalmente pelo uso da xilogravura como técnica principal de desenvolvimento das capas e contribuiu, dessa

forma, para o estudo do Cordel como signo e representação da cultura nordestina, através da riqueza simbólica de suas capas.

REFERÊNCIAS³

BORGES, José Francisco (2008). A arte de J. Borges do cordel à xilogravura. São Paulo: Editora SESC.

CATAFAL, Jord; OLIVA, Clara (2007). A gravura. Lisboa: Editora Estampa.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. A chegada de Lampeão no Céu.

FARJADO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Marcio do (1999). Oficinas: Gravura. Rio de Janeiro: Editora: SENAC Nacional.

_____. João Firmino Cabral: Um poeta de valor.

NASCIMENTO, Salete. A peleja de Zeca Aleijado e Duca do Urubu.

³ Considerando as referências bibliográficas dos cordéis, deve-se levar em conta o que é exposto por Roiphe (2013, p. 92): “(...) nem sempre se encontram todas as informações associadas a seu processo de edição, tais como autoria, cidade, editora, ano de publicação, o que, frequentemente, dificulta a precisão de dados fundamentais para o conhecimento integral de um folheto [...] Esse não é um defeito do gênero, e sim uma característica de sua produção”.

_____. Severiano O jovem que fez sexo com uma cobra. Aracaju: Turbocaju.

NIEMEYER, Lucy (2010). Elementos de semiótica aplicados ao design. Rio de Janeiro: 2ab.

ROIPHE, Alberto (2012). Forrobodó na linguagem do sertão: leitura verbo visual do folheto de cordel. Rio de Janeiro: Editora Lamparina.

SANTAELLA, Lucia (1983). O que é Semiótica. São Paulo: Editora Brasiliense.

_____. (2002). Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

BIODATA

Débora Simões Araújo é Graduada em Letras Português e Espanhol pela UFS. Orientanda no Projeto de Pesquisa Semiótica e Literatura de Cordel: Estudos Sobre as Formas de Significação, Modos De Representação e Níveis de Interpretação Que Emergem Dos Folhetos e Das Narrativas Do Cordel em Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa GEMADELE- Elaboração e análise de material didático para ensino de línguas estrangeiras/adicionais da UFS e Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT –

Semiótica, Leitura e Produção de Texto da UERJ.
<http://lattes.cnpq.br/9579578356112282>

Claudio Manoel de Carvalho Correia é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Mestre em Linguística pela UERJ. Professor Adjunto do DELI – Departamento de Letras-LIBRAS da UFS. Coordenador do Projeto de Pesquisa Semiótica e Literatura de Cordel: Estudos Sobre as Formas de Significação, Modos De Representação e Níveis de Interpretação Que Emergem Dos Folhetos e Das Narrativas Do Cordel em Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa GEMADELE – Elaboração e análise de material didático para ensino de línguas estrangeiras/adicionais da UFS e Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT – Semiótica, Leitura e Produção de Texto da UERJ.
<http://lattes.cnpq.br/9935874859230938>.